

Educação e Religião: Património, Pertença e Identidade

Fernando Campos

O homem desde sempre enfrentou o real pela compreensão e conhecimento, exprimindo no fundo os seus medos e incertezas, num mundo complexo e duro. As questões ainda se mantêm, “ (...) *de onde viemos? quem somos? e para onde vamos? (...)*”, por retórica ou não, ao longo dos tempos têm vindo a ser respondidas, directa ou indirectamente, a cada geração num acumular de experiências, conhecimento e sabedoria, num sentido de se proceder a uma aproximação, à “*meta*” da verdade.

A pequenez humana, separada da perfeição, encetou os primeiros passos duma longa evolução, num início do qual o homem actual já lhe perdeu o rasto. Interiorizou a ambição e arrogância, e propôs-se garantir a sua própria sobrevivência, segundo uma pertença grandeza, mesmo nas mais mesquinhas ambições, como se revelasse um vazio, dor e sofrimento de algo que perdeu e que pretende recuperar. Todavia no seu meio ambiente natural, no profundo do seu estar, ser e crer, aspira a resolver as tais questões que a própria humanidade se esqueceu, restando apenas continuar na firmeza e esperança, ultrapassando o vazio e a ignorância do presente.

Os factos são inegáveis. O homem é um ser espiritual. No seu interior inteligível e abstracto, sempre mostrou uma essência que não domina, um vazio e uma vontade de preenchê-lo, sobreviver numa ambição de conquista, vencer, construir e destruir, todas as acções têm interpretações positivas e negativas, o verso e o reverso, o que é corpóreo e visível, o materialismo, e o pragmatismo, transferem o homem para a vida tangível e concreta. Em suma, todas as posturas e realizações têm estas duas vertentes, a intangibilidade e a tangibilidade, a espiritualidade e a materialidade, que resultam no concreto em acções e nos levam a prosseguir um caminho.

A primeira condição para se entender as concepções de sagrado e profano é considerar o homem um ser essencialmente religioso para quem Deus não é uma ideia, uma noção abstracta, uma alegoria moral.

A partir dessa primeira premissa é possível entender o papel das religiões em todas as sociedades e o poder que elas exercem sobre a visão de mundo dos diversos grupos

sociais. Assim, sagrado e profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da história.

Para o homem religioso o espaço não é homogêneo e dessa forma se há espaços considerados sagrados, há outros espaços não sagrados e portanto sem consistência. O espaço sagrado então passa a ser o ponto fixo por onde tudo deve começar, passando do caos à ordem e o ponto fixo torna-se o Centro.

O reconhecimento da sacralidade de certos locais é fundamental para a construção do sentido da vida por um grupo religioso e por outro lado, afirma-se como um marco identitário.

Ao falar de espaço sagrado, tem-se em conta a simbologia que esse espaço sagrado transporta e que ajuda a compreender a mensagem religiosa que se quer transmitir.

O Ser Humano orienta a sua vida utilizando muita simbologia, que assume duas formas: pagã e religiosa. Com a simbologia, o Homem pretende uma proximidade entre ele próprio e o Divino, através da representatividade. O símbolo representa e assume ou a divindade, ou outro elemento sagrado.

A simbologia que determinada peça representa, torna-se extremamente importante na medida em que ao olhar para uma peça (cruz, relicário, quadro, etc) o Homem tenta decifrar qual a simbologia que está por detrás daquilo que vê. Se determinadas peças aparentemente apresentam um significado que possa ser comum para toda a gente, a mesma peça, pode contudo, ter mais do que um significado, dependendo de quem está a olhar para essa peça apresentada. Por exemplo, uma cruz, todas as pessoas dizem que é uma cruz, simplesmente. Para o cristão, não é apenas uma cruz, representa o sacrifício de Cristo pela Humanidade.

“É a fé que nos faz ver esta realidade transcendente no imanente, transformando assim toda a criação numa transparência da densidade divina de que está impregnada”¹.

As peças comunicam com as pessoas. O que significa este quadro, ou esta peça para mim? O que me quer dizer?

O património fala. É necessário escutar.

Uma peça referente a um determinado período da história, ou a uma determinada manifestação religiosa, faz o Homem viajar no tempo, viagem essa simbólica que traz à colação um elemento importantíssimo – identidade. Há de imediato para o Homem atento e informado sobre o que está a ver, uma relação causa - efeito. A causa é o que é apresentado, o efeito, será aquilo que a simbologia do objecto produzirá no próprio Homem. Convém referir, que será talvez um pouco redutor falar em efeito, mais

correcto será efeitos, uma vez que como já foi dito, a mesma peça poderá ter vários significados consoante a descodificação a simbólica da peça.

O Homem tem necessidade de compreender o Mundo passado e presente para ele próprio se auto-compreender e a compreender a sua relação com o próprio Mundo. Isto pressupõe um caminho.

De referir que *a Ideia é aqui o Homem mesmo para si mesmo caminhando, menos para um Futuro que nunca terá a forma que lhe sonhamos que para um tempo que não voa (...).*

A tendência do Homem que vai caminhando, é que ao longo desse caminho – que por vezes não é fácil – vá obtendo respostas para as suas interrogações. Mas o Homem determinado não desiste e vai procurando aprofundar os meios para obter respostas.

As Universidades, procuram dar algumas dessas respostas às suas interrogações, ajuda a fomentar a noção de pertença, a construção de um quadro identitário, a importância patrimonial que é para o Homem da “educação e religião”.

As Universidades são um lugar privilegiado para a construção não só da cultura, mas também, das consequências desta, como da construção das próprias sociedades.

Os fenómenos religiosos têm tido por parte das Universidades um pouco por toda a parte um lugar de relevo, na medida em que, as pessoas têm sede de conhecimento, querem saber a relação delas com o divino e a relação dos fenómenos religiosos com a construção das sociedades no século XXI.

Contudo, a responsabilidade da Universidade é importante no contributo científico para a construção das respostas possíveis às interrogações do Homem.

Com base nessa responsabilidade, se poderia perguntar:

“ - Estamos preparados para tomar o lugar que nos corresponde no tecido social?

- Preparamo-nos como Universidade para criar consciência, entre nós mesmos, da importância do nosso papel?

- Estamos conscientes da implicação do nosso trabalho com os estudantes universitários, futuros construtores do compromisso político e social?”¹

O Cardeal Óscar Maradiaga, afirma, citando Fernando Savater, *nascemos humanos, mas isso não basta, temos que chegar a sê-lo.*²

Esta citação é extremamente importante, na medida em que nos transporta para uma dimensão que ultrapassa a estritamente a física ou biológica. O conhecermos os outros seres humanos, nos relacionarmos com eles, criando um espírito gregário de

crescimento em partilha de valores, oportunidades, de saberes, ajuda a nossa afirmação como seres humanos.

O Homem vai-se descobrindo, obtendo conhecimentos que lhe permitam compreender o significado dele enquanto ser humano, do mundo que o rodeia, daquilo que ele não consegue explicar, da relação dele com Deus. Essa descoberta, o Homem não a consegue fazer de forma fechada, egoísta, mas sim, na medida em que ele dá, mas também recebe, torna-se capaz de ter um conhecimento mais abrangente sobre si próprio enquanto ser humano, a sua identidade, a ideia de pertença a um grupo, a uma comunidade, aquilo que é seu, enquanto património educacional e cultural.

A compreensão dos fenómenos religiosos, na sua relação com ele próprio e com o mundo, passa por isso mesmo, ou seja, tentar ter um conhecimento o mais abrangente possível, não redutor e sem preconceitos.

A Universidade é o espaço por excelência para a concretização destes pressupostos que acabei de apresentar, como o que estamos a fazer nestes dias na Universidade Federal do Maranhão.

Se eu não tiver uma visão abrangente do mundo, das sociedades, dificilmente consigo ter a pretensão de estudar e conhecer os fenómenos religiosos. As religiões fazem parte intrínseca dos modelos civilizacionais, são património identitário da humanidade.

As novas tecnologias, as redes sociais, frutos da globalização, transportam-nos mais facilmente para um conhecimento mais rápido e mais diversificado do mundo em que vivemos.

A Universidade, ajuda-nos a entender o que somos capazes de fazer, tanto no ponto vista tecnológico, como das relações entre as pessoas.

Neste sentido, a Universidade, deve assegurar uma cultura que promova a valorização do Homem, tendo em conta o respeito pela dignidade da pessoa, sem distinção alguma, tendo em conta um outro desafio, ter a preocupação em garantir que a formação recebida tem de ser sólida na verdade, de forma a que o trabalho generoso desenvolvido por professores e alunos nas Universidades possa dar pleno valor a todas as dimensões da cultura, em ordem a lutar pela qualidade da vida humana tanto no plano social como individual.

O cristão - de um modo particular - , deve observar estes pressupostos, caso isso não aconteça, terá de rever a profundidade vivencial do seu cristianismo. A

religiosidade e espiritualidade do ser humano se manifestam nas formas da cultura. A Universidade também é responsável por isto.

Quando se nega a dimensão humana, cultural ou religiosa de uma pessoa ou de um povo, a mesma cultura se deteriora, chegando a certo ponto fazê-la desaparecer.¹

A Universidade não só pode ajudar a compreender o Homem, como o que o pode aproximar do divino, ou seja, a forma do Homem comunicar com o que considera sagrado.

O espaço sagrado “é um meio de comunicação com os deuses e a respeito dos deuses. É um lugar de poder divino. Serve como um ícone visível do mundo e, portanto importa uma forma e uma organização aos seus habitantes”.²

Nos lugares santos e em espaços sagrados encontramos refúgio espiritual, renovação, esperança e paz.

Vários podem ser os atributos de espaço sagrado, enquanto espaço privilegiado para a reprodução de mitos e símbolos e onde se podem realizar ritos, como por exemplo a escolha do lugar, a orientação e o tipo de construção e a ornamentação interior e exterior desse lugar, criando momentos especiais e de profunda intimidade entre o Homem e a divindade.

Quando desligamos o homem de Deus, desligamo-lo também dos valores que deveriam reger o seu espírito e a sua conduta. Fora de Deus, todos esses valores acabam por se equivaler, o que é o mesmo que afirmar que nenhum tem real e verdadeira consistência e que, por conseguinte com facilidade pode qualquer deles substituir-se por outro menos exigente, ou omitir-se, se as circunstâncias ou vantagens o aconselharem.³

“Em todos os povos, as formas e os objectos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Todo o lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto”.

Contudo, a sacralidade, hoje, começa a tornar-se uma linguagem incompreendida, distorcida. A relação do homem com o sagrado é mais imposta pelo próprio homem, segundo seus desejos e necessidades, do que pela escuta do sagrado⁴. Essa sacralidade manifesta-se na própria vontade de Deus, quando por exemplo, Ele diz a Moisés: “tira as sandálias pois o lugar que pisas é sagrado”.

“À primeira vista, falar de “espaços” determinados em relação a Deus poderia gerar qualquer perplexidade. Não está porventura o espaço, tal como o tempo, integralmente sujeito ao domínio de Deus? De facto, tudo saiu das suas mãos e não há lugar onde Ele não se possa encontrar: “Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e quantos nele habitam. Ele a fundou sobre os mares e a consolidou sobre as ondas” (Sal 24(23), 1-2). Deus está igualmente presente em todos os cantos da terra, pelo que o mundo inteiro pode considerar-se “templo” da sua presença”¹

Templos e casas são fundamentalmente espaços sagrados, uma vez que participam de um espaço diferente do lugar onde se encontram.

O Templo em todas as religiões torna-se o meio de comunicação com o mundo dos deuses. Em contrapartida a casa, cuja função é abrigar o homem, torna-se também um espaço sagrado, pois ao transpor a porta, o limiar, já não é mais casa e sim o lar, local de convivência e privacidade.

Com Jesus Cristo, passou-se a compreender que Deus não habita em casas feitas pelos homens, mas quer habitar em cada um dos fiéis pela graça e também na Igreja que os une num corpo único, de que Jesus Cristo é a cabeça e o Espírito Santo como que a alma.

“O homem consagra o espaço porque ele sente a necessidade de viver num mundo sagrado, de mover-se num espaço sagrado.

O homem religioso, desta maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam no espaço. Cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida”².

Poder-se-á falar de outros espaços sagrados, por exemplo os cemitérios, “a morada dos mortos”, à imagem do mundo dos vivos.

Os ritos fúnebres dependem dos costumes das civilizações e nas sociedades urbanizadas e industrializadas, tornam-se cada vez mais um acto social, despido muitas vezes do simbolismo religioso.

A solução de fundar um novo espaço possibilita a continuidade do espaço sagrado distante do mundo profano, mas dentro dele.

O crescimento vertiginoso da cidade deu a oportunidade de se repensar a necrópole e de se projectar campos sagrados, não só distantes dos novos centros, como outra concepção de sepultura, dando a impressão de um local apazível, impessoal, onde os mortos não têm hierarquia, pois, não há túmulos sumptuosos, apenas lápides no chão.

O progresso da cidade permitiu a dessacralização da morte, mas não rompeu a ligação dos vivos e seus mortos.

Para se estudar os espaços e tipologias arquitectónicas, como primeira análise afere-se a nomenclatura, localização e a sua função, mas isto enquadrado numa forma genérica, num quadro em que se reporte a uma época chave que permita a compreensão desses espaços e a sua coerência religiosa.

A tradição e doutrina do Catolicismo Romano evoluíram neste sentido de procurar na congregação dos seus fiéis no contacto com Deus por meio de Cristo. Contudo a sua génese mostra-se ambígua pretendendo uma ligação e/ou uma continuidade através de uma ténue ligação aos traços distintivos que caracterizavam as religiões da antiguidade, através da doutrina da transubstanciação consagrasse os Sacrifícios, o altar, e a veneração dos Santos e os espaços litúrgicos das Igrejas Católicas, sob um fundo numa religião monoteísta.

Neste sentido, falar de espaço para o sagrado é criar espaço dentro do Homem para que o sagrado se possa manifestar. O Homem como criatura de Deus, é por excelência um espaço privilegiado para Deus habitar, temos que “arrumar a casa”, para que Deus habite dentro do próprio Homem. Deus não é muito exigente, não quer luxo, mas sim disposição e vontade para o receber.

O “*Homem é o espaço*” onde o contacto com o sagrado se dá na maior e perfeita intimidade, no qual no segredo do espaço interior do Homem, a comunhão com o divino assume proporções mais profícuas.

Falar de espaço, enquanto lugar, assume uma dimensão maior, quando adjectivado como sagrado.

O Templo em todas as religiões torna-se o meio de comunicação com o mundo dos deuses. Em contrapartida a casa, cuja função é abrigar o homem, torna-se também um espaço sagrado, pois ao transpor a porta, o limiar, já não é mais casa e sim o lar, local de convivência e privacidade.

Por outro lado, a referência a *espaço* para o sagrado é criar *espaço* dentro do Homem para que o sagrado se possa manifestar. O Homem como criatura de Deus, é por excelência um *espaço* privilegiado para Deus habitar, temos que “*arrumar a casa*”, para que Deus habite dentro do próprio Homem. Deus não é muito exigente, não quer luxo, mas sim disposição e vontade para o receber.

O Homem é o *espaço* onde o contacto com o sagrado se dá na maior e perfeita intimidade, no qual no segredo do espaço interior do Homem, a comunhão com o divino assume proporções mais profícuas.

O património religioso serve de veículo de comunicação a propósito dos deuses e com os deuses. É algo visível com o qual se estabelece uma relação de proximidade entre o humano e o divino.

O pluralismo cultural e religioso, apreendido no estudo das sociedades multiculturais, em vez de criar bolsas de marginalidade e focos de violência, deverá ser fonte de construção de unidade enriquecida com a diversidade. Poder-se-á perguntar, como têm sido moldadas as comunidades nacionais através das religiões? Será que o Homem ainda encontra no estudo das Religiões as respostas às suas preocupações?

Mais crise, menos crise, os primeiros indicadores de desenvolvimento de uma sociedade lá vão sendo mais ou menos satisfeitos, a educação e a cultura são os mais vulneráveis, porque são os mais difíceis de resolver por um lado e por outro são por vezes comprometidos por falta de vontade política.

Uma sociedade só se desenvolve quando diminuir e até mesmo acabar a iliteracia.

É necessário apostar na cultura de um povo.

O Homem deve ser o objecto principal das preocupações das sociedades como “dever por excelência que é o da vocação do homem ao seu desenvolvimento”.¹

O homem desde sempre enfrentou o real pela compreensão e conhecimento, exprimindo no fundo os seus medos e incertezas, num mundo complexo e duro. As questões ainda se mantêm, “ (...) *de onde viemos? quem somos? e para onde vamos? (...)*”, por retórica ou não, ao longo dos tempos têm vindo a ser respondidas, directa ou indirectamente, a cada geração num acumular de experiências, conhecimento e sabedoria, num sentido de se proceder a uma aproximação, à “*meta*” da verdade.

Neste sentido, pelo que foi exposto, a Educação e a Religião complementam-se e constituem-se como construtores de um património que dão ao Homem a ideia de pertença a uma sociedade, com a qual ele se identifica.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, J. F. (1975). *Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Corrigida Lisboa: Sociedade Bíblicas Unidas.
- BENTO XVI, Papa. (2006). *Carta Encíclica Deus Caritas est*. Secretariado-Geral do Episcopado. Prior Velho: Paulinas Editora.
- BORAU, J.L.V. (2008). *O fenómeno religioso*. Lisboa: Paulus Editora.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. (1993). Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CHENU, B. & COUDREAU, F. (Dir).(1991). *A Fé dos Católicos: catequese fundamental*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”. (2005). *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia.
- FALCÃO, M. F. (Bispo Emérito de Beja). (2004). *Enciclopédia Católica Popular*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- HURLBUT, J. L. (1990). *História da Igreja Cristã*. 9ª Edição. E.U.A.: Editora Vida.
- MARADIAGA, O.A.R. (Card.).(2010). *Hacerse a la mar: ante los desafios de un mundo globalizado*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva.
- MELO, R. A. (2007). *Debate – As Doutrinas da Igreja Católica Romana à luz da Bíblia Sagrada*. 2ª Edição. Águeda: Artipol, Lda.
- OLIVEIRA, R.F. (s.d.). *História da Igreja, Dos Primórdios à Actualidade*. 4ª Edição. Campinas: Escolas de Educação Teológica das Assembleias de Deus.
- RODRIGUES, A. R. (2003). *O Homem e a Ordem Social e Política*. Cascais: Principia.
- ROSENDAHL, Z. (2002). *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. 2ª edição. Rio de Janeiro: EdUERJ.
-

Notas

¹ Cf. Borau, J.L.V. (2008). *O Fenómeno Religioso: (símbolos, mitos e ritos das religiões)*. P.12.

¹Cf. Lourenço, E. (2006). *À sombra de Nietzsche*. In *Que valores para este tempo?* p. 25.

² Cf. Maradiaga, O.A.R. Card. (2008). *Hacerse a la mar: ante los desafios de un mundo globalizado*, p.134

¹ Idem, p.150.

²Júlio Paulo Tavares Zabatiero, op.cit. J.P. Brereton, “Sacred Space”, in M. Eliade (ed). *Encyclopedia of Religion*, vol 12, p. 528.

³Cf. Rodrigues, A.R. (2003). *O Homem e a Ordem Social e Política*, pp.20-21.

⁴ Cf. Rosendahl, Z. (2002). *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*, p. 64.

¹ “Carta do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a Peregrinação aos Lugares relacionados com a História da Salvação”.

² Cf. Rosendahl, Z. (2002). *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*, p. 65.

¹ Cf. Rodrigues, A.R. (2003). *O homem e a ordem social e política*, p. 23.